

SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL E MERCADO VERDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos decorrentes das revoluções industriais, aliados ao crescimento populacional e às transformações socioculturais, modificaram profundamente a forma como o ser humano se apropria dos recursos naturais. O processo de industrialização intensiva ampliou a exploração ambiental, convertendo práticas de extração em pequena escala em operações conduzidas por grandes corporações transnacionais, o que ocasionou impactos ambientais significativos (Reed, 2002).

Essa intensificação do uso dos recursos naturais trouxe à tona preocupações antes negligenciadas, como a degradação ambiental, o esgotamento de recursos e a perda da biodiversidade. Ao mesmo tempo, novas configurações socioculturais e uma crescente conscientização ambiental passaram a pressionar governos e empresas a adotar práticas mais sustentáveis. Tais mudanças não se limitam à mitigação dos danos ambientais, mas também buscam assegurar que as futuras gerações possam usufruir dos recursos naturais de forma equilibrada e responsável (Smith & Taylor, 2010).

No Brasil, entretanto, a incorporação do conceito de desenvolvimento sustentável pelas empresas ocorreu de maneira tardia. Apenas a partir da década de 1990, impulsionadas pelas discussões globais sobre meio ambiente e condições sociais, as pesquisas sobre sustentabilidade começaram a ganhar relevância (Teixeira & Bessa, 2009). Apesar dos avanços, ainda persiste uma pluralidade de termos e abordagens sobre sustentabilidade, refletindo tanto a diversidade de interpretações quanto a complexidade das ações necessárias para sua efetivação (Laruccia, 2012; Lyra, Gomes & Jacovine, 2009).

Nesse contexto, observa-se que as empresas brasileiras vêm passando por um processo gradual de transformação: de organizações voltadas exclusivamente para o lucro para corporações que integram a sustentabilidade como parte essencial de suas estratégias. Essa mudança tem sido impulsionada por fatores como pressão social, regulamentações governamentais mais rigorosas e a percepção de que práticas sustentáveis podem gerar vantagens competitivas, fortalecer a reputação corporativa e aumentar a lealdade dos consumidores, cada vez mais atentos ao comportamento ético e ambiental das marcas (Carvalho, 2015).

Diante disso, este artigo tem como objetivo descrever os conceitos e abordagens de sustentabilidade empresarial discutidos nos últimos cinco anos, a partir de uma revisão integrativa com base em estudos disponíveis na plataforma Scielo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O conceito de sustentabilidade tem as suas raízes no Relatório de Brundtland de 1987, "Nosso Futuro Comum", que a definiu como a capacidade de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer as gerações futuras. Embora inovadora, esta definição inicial foi criticada pela sua imprecisão e utopismo, especialmente por focar predominantemente na questão ambiental, negligenciando outras dimensões. Em resposta a estas limitações, surgiu uma visão mais holística da sustentabilidade, que abrange a manutenção das condições energéticas, físico-químicas e informacionais essenciais para a continuidade da vida na Terra,

integrando as necessidades sociais e ambientais com a regeneração e coevolução dos sistemas naturais.

Para além da sua definição inicial, a sustentabilidade ganhou um modelo interpretativo crucial para as empresas através do conceito de Triple Bottom Line (TBL), introduzido por John Elkington em 1997. Este modelo propõe que a sustentabilidade empresarial assenta em três pilares interligados: económico, ambiental e social. O TBL desafiou a visão tradicional dos negócios, que se focava apenas no lucro, incentivando as empresas a integrar considerações ambientais e sociais nas suas estratégias. Esta abordagem visa não só a rentabilidade financeira, mas também a inclusão social, a otimização dos recursos naturais e um impacto positivo no meio ambiente, tornando-se uma ferramenta essencial para a gestão de negócios.

A evolução da sustentabilidade para a sustentabilidade empresarial é marcada por marcos históricos significativos, começando com os movimentos ambientais dos anos 70 e a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano em Estocolmo (1972). Nos anos 80, a preocupação com o desenvolvimento económico e a preservação ambiental deu origem ao conceito de desenvolvimento sustentável. Contudo, foi na década de 90 que a sustentabilidade empresarial ganhou destaque, impulsionada pela globalização e pela crescente consciência ambiental e social. No século XXI, a sustentabilidade tornou-se um fator de competitividade e sobrevivência no mercado, com as empresas a assumirem um papel protagonista na promoção de mudanças e na superação da insustentabilidade, reconhecendo que a integração de valores socioambientais pode gerar retornos positivos.

No entanto, a implementação do Triple Bottom Line apresenta desafios consideráveis. Muitas empresas ainda lutam para gerir eficazmente as três dimensões da sustentabilidade, focando-se frequentemente em apenas um ou dois pilares, seja o social, o económico ou o ambiental. É crucial evitar interpretações erróneas da sustentabilidade, como considerá-la apenas sinónimo de preservação ambiental, uma opção secundária em relação ao lucro, uma moda passageira ou um conceito estático. Pelo contrário, a sustentabilidade é uma abordagem integrada, uma necessidade dinâmica e um desafio contínuo face às problemáticas ambientais e à desigualdade social, exigindo uma visão abrangente e adaptativa.

Em suma, a mudança no paradigma da sustentabilidade transformou o comportamento empresarial, com movimentos sociais e grupos organizados a reivindicarem novas diretrizes e responsabilidades socioambientais. A adoção do Triple Bottom Line não só melhora a imagem institucional das empresas, como também pode levar a um aumento de consumidores, lucros e vendas, além de facilitar o acesso ao mercado de capitais. A sustentabilidade, em todas as suas dimensões – ambiental (com subdimensões como ciência ambiental, qualidade do ar/água e gestão de recursos), económica (incluindo economias formais e informais) e social (peculiaridades, habilidades e experiências) – é um conceito dinâmico e interligado, cuja intersecção é fundamental para alcançar uma sustentabilidade verdadeiramente viável, justa e vivível.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adota uma revisão integrativa para investigar os conceitos e abordagens de sustentabilidade empresarial em textos publicados entre 2019 e 2023. O objetivo central é responder à questão: quais os conceitos e abordagens de sustentabilidade empresarial encontrados na amostragem de textos de 2019 a 2023. A escolha deste período temporal visa

assegurar a relevância e a atualidade dos dados analisados, refletindo as discussões mais recentes na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A metodologia fundamenta-se numa perspectiva dialética, conforme Promanov e Freitas (2013), que permite uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, reconhecendo a interconexão dos fenômenos sociais com fatores políticos, económicos e culturais, e privilegiando a análise qualitativa em detrimento de abordagens quantitativas cristalizadas.

A recolha de dados foi realizada na plataforma Scielo Brasil, uma base de dados reconhecida pela sua certificação ISO 27001 (2023), garantindo a segurança e a fiabilidade das publicações. A seleção da Scielo Brasil permitiu o acesso a artigos científicos na área das Ciências Sociais Aplicadas, com foco nas temáticas de sustentabilidade empresarial e meio ambiente. Os descritores de busca empregados foram: "sustentabilidade empresarial", "mercado verde" e "três pilares da sustentabilidade". A inclusão de artigos em português e espanhol ampliou a abrangência da revisão, permitindo uma perspectiva mais diversificada sobre o tema.

Para garantir a pertinência e a qualidade dos estudos, foram aplicados critérios rigorosos de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos científicos que apresentassem metodologia clara e vinculação direta com as temáticas e descritores definidos, publicados entre 2019 e 2023. Em contrapartida, foram excluídos artigos com metodologia pouco explícita, aqueles que não se relacionavam diretamente com o tema, resumos, teses, capítulos de livros, artigos pagos e publicações em inglês. Esta abordagem sistemática assegura que a análise se baseie em literatura robusta e relevante, contribuindo para uma compreensão aprofundada dos conceitos e abordagens de sustentabilidade empresarial no período estudado.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise buscou identificar os conceitos e principais abordagens sobre sustentabilidade empresarial nas publicações da plataforma Scielo Brasil, no período de 2019 a 2023. Inicialmente, foram encontrados 53 artigos, mas após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas 23 compuseram a amostra final.

Quadro 1 - Processo de análise temática das publicações

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com os dados	Busca de achados na plataforma Scielo Brasil a partir das palavras-chave
2. Gerando códigos iniciais	Realização de apontamentos interessantes a partir das leituras
3. Analisando dados	Agrupamento de informações reunindo concepções e abordagens sobre sustentabilidade empresarial abordadas nos artigos
4. Racionalizando respostas com embasamento nos textos	Refletindo sobre os achados e elaborando resultados com base em textos sobre o tema.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Os dados evidenciaram que a produção científica atingiu maior expressividade em 2021, com sete artigos publicados, seguido de 2019 (cinco publicações), 2020 e 2022 (quatro cada), e 2023

(três artigos). A concentração das pesquisas ocorreu majoritariamente na região Sudeste, destacando-se como polo de referência em estudos sobre sustentabilidade empresarial.

Em relação aos conceitos encontrados, grande parte dos artigos compreende a sustentabilidade empresarial a partir do triple bottom line, que integra as dimensões econômica, social e ambiental. Contudo, observou-se que muitas empresas ainda direcionam seus esforços prioritariamente ao viés econômico, mantendo as práticas ambientais e sociais em segundo plano. Tal constatação reforça a crítica de que, embora o discurso sustentável esteja presente, sua operacionalização nem sempre se efetiva de forma integrada.

No campo das abordagens, emergiram três tendências principais:

1. Gestão interna e responsabilidade social – enfatizando boas práticas de Recursos Humanos, saúde e segurança no trabalho, inclusão e bem-estar dos colaboradores.
2. Inovação e competitividade – explorando práticas de inovação verde, blockchain, ESG e turismo sustentável como estratégias de diferenciação no mercado.
3. Desafios conjunturais – casos que destacaram a pandemia da Covid-19 como catalisador de mudanças, exigindo resiliência, novas tecnologias e readequações nas empresas.

Alguns artigos não abordaram diretamente o termo sustentabilidade empresarial, mas trouxeram reflexões relevantes para o setor público e para a relação entre responsabilidade social, comunicação ambiental e riscos de greenwashing. Em outros estudos, a sustentabilidade foi tratada de modo parcial, priorizando apenas o aspecto ambiental (como no setor de energia e mobilidade elétrica) ou social (como em projetos de imagem corporativa e responsabilidade comunitária).

De forma geral, a revisão revela que as organizações brasileiras reconhecem a necessidade de adaptação ao novo cenário social e mercadológico, mas ainda enfrentam dificuldades em equilibrar os três pilares da sustentabilidade. A predominância de práticas voltadas ao retorno financeiro indica que a transição para modelos mais amplos e integrados ainda está em construção. Por outro lado, observa-se também um movimento de crescente incorporação de agendas inovadoras, como ESG e economia verde, que tendem a fortalecer a competitividade e a legitimidade das empresas no longo prazo.

Assim, os resultados apontam que a sustentabilidade empresarial no Brasil encontra-se em estágio de consolidação: embora haja avanços importantes, persiste o desafio de superar visões fragmentadas e alinhar de fato os objetivos econômicos às responsabilidades sociais e ambientais, assegurando um desenvolvimento organizacional mais equilibrado e duradouro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo concluiu que a integração da sustentabilidade empresarial e do mercado verde é plenamente viável e estratégica para as organizações contemporâneas. A ferramenta do Triple Bottom Line (TBL), que abrange as dimensões social, ambiental e financeira, emerge como um pilar fundamental para o desenvolvimento de práticas corporativas mais responsáveis. Ao transcender a mera preocupação ecológica, as empresas que adotam o TBL promovem uma imagem corporativa aprimorada, tanto para seus colaboradores quanto para a sociedade em geral, ao mesmo tempo em que buscam a maximização dos lucros para os investidores. A sustentabilidade, portanto, não se restringe a um aspecto isolado, mas exige uma atuação sólida e integrada em todas as suas vertentes.

No âmbito social, a responsabilidade empresarial manifesta-se através do desenvolvimento de ações que garantam boas práticas para os funcionários, respeito, condições dignas de trabalho, benefícios justos, remunerações equitativas, e a promoção da flexibilidade, inclusão e diversidade. A dimensão ambiental exige das empresas uma redução significativa na emissão de gases de efeito estufa, investimentos em energias renováveis, e a implementação de práticas adequadas para o descarte de matérias-primas e produtos, explorando os recursos naturais de forma mais consciente e responsável. Por fim, no viés financeiro, a gestão consciente do patrimônio, a busca por bons resultados e a realização de estudos e análises de mercado são cruciais para garantir eficiência, eficácia e efetividade, prevenindo desperdícios e problemas futuros.

Em síntese, a adoção de práticas sustentáveis não só contribui para a preservação ambiental, mas também fortalece a competitividade e a relevância das empresas no mercado atual. A produção sustentável e o mercado verde, embora apresentem desafios, são essenciais para a continuidade e a saúde dos negócios a longo prazo. A integração da sustentabilidade em todo o ciclo de vida dos produtos e serviços é fundamental para mitigar o impacto ambiental e construir uma imagem positiva, conquistando a confiança de consumidores cada vez mais conscientes. Assim, a sustentabilidade deve ser encarada como uma oportunidade de crescimento e evolução empresarial.

A análise identificou 23 artigos publicados entre 2019 e 2023 na Scielo Brasil, com destaque para 2021, ano de maior produção. Observou-se predominância da região Sudeste e do uso do triple bottom line, embora muitas empresas priorizem o viés econômico em detrimento dos aspectos social e ambiental. As abordagens mais recorrentes envolvem práticas de gestão interna, inovação sustentável e respostas a contextos de crise, como a pandemia de Covid-19. Apesar dos avanços, persiste o desafio de equilibrar os três pilares da sustentabilidade, apontando a necessidade de superar visões fragmentadas. Futuras investigações podem aprofundar estudos de caso sobre empresas brasileiras que implementaram o triple bottom line e analisar o papel da legislação e das políticas públicas na efetividade das práticas sustentáveis, considerando ainda comparações regionais para fortalecer o mercado verde no país.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, C. A. **Sustentabilidade empresarial: estratégias e desafios**. São Paulo: Atlas, 2015.
- ELKINGTON, J. *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*. Oxford: Capstone, 1997.
- LARUCCIA, M. **Sustentabilidade: conceitos e práticas nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- LYRA, M. G.; GOMES, R. C.; JACOVINE, L. A. G. **Sustentabilidade e responsabilidade social empresarial: conceitos e aplicações**. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 233-250, 2009.
- PROMANOV, J.; FREITAS, A. **Dialética e pesquisa qualitativa: reflexões metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- REED, D. **Sustainable development: theory and practice for a sustainable future**. London: Routledge, 2002.
- SMITH, J.; TAYLOR, M. **Environmental change and sustainable development**. New York: Routledge, 2010.
- TEIXEIRA, A. L.; BESSA, M. E. **Desenvolvimento sustentável no Brasil: origens e evolução**. *Revista Gestão & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 45-62, 2009.